

Sobre a metapsicologia da adolescência¹

Raquel Moreno Garcia²

No enigmático, no obscuro tempo da adolescência, a clínica nos convoca³. Arthur é um adolescente de 12 anos que, pouco antes de seu último aniversário, anunciou aos seus pais sua identidade de gênero não binária, o que se tornou o motivo da busca de atendimento. Para Arthur, a busca de um espaço privado para explorar-se; para seus pais, um suporte visando à compreensão da situação. Em atendimento, Arthur apresenta-se silencioso, com verbalizações breves, quase monossilábicas e usando frequentemente a expressão “não sei” em seu discurso.

Marcela é uma jovem colegial que traz como demanda inicial de seu tratamento um estranhamento em relação a quem seja, uma sensação de despersonalização. No decorrer do processo, algumas questões revelam-se importantes em seu histórico vivencial: a violência sofrida pelo abandono dos pais biológicos e a adoção feita por pais bem mais velhos que não conseguiram se ocupar nem dela e nem da irmã-gêmea – idêntica a partir do real.

Aos 17 anos, Luan procura análise como tentativa de entender o que vinha se passando e na esperança de que um dia pudesse voltar a dormir normalmente. Há meses, ele não conseguia conciliar o sono de forma tranquila e quando dormia era atacado por pesadelos terríveis. A única saída era elaborar estratégias reais e comportamentais que o mantivessem em vigília (manter luzes acesas, programar despertador para impedir que dormisse por muitas horas e tivesse pesadelo, etc.).

Paulo, um adolescente de 17 anos em tratamento analítico há dois anos busca ajuda por não estar conseguindo dormir, por se sentir desesperado quando seu namorado dá algum sinal que para ele pode significar separação, rompimento. Sente e acredita que vai ficar sozinho e não suportará, entrando em desespero.

1 Trabalho apresentado na atividade do Núcleo da Puberdade e Adolescência da *Constructo*: Adolescências Contemporâneas, maio de 2022.

2 Psicanalista, Diretora Científica, Coordenadora do Núcleo da Puberdade e Adolescência da *Constructo Instituição Psicanalítica*.

3 Vinhetas do artigo produzido pelo Núcleo Puberdade e Adolescência: SEBEN, A. *et al.* “O enigmático e o obscuro tempo da adolescência”, in MORENO GARCIA, R.; PAIM FILHO, I. (orgs.) *Identificação: imanência de um conceito*. São Paulo: Blucher. No prelo.

Um pouco antes de vir para tratamento, assume para os pais que é homossexual. O pai, sem voz alguma, sem posicionamento, acata o que a esposa pensa sobre isso, deixando Paulo à mercê dessa mãe. A mãe fica seis meses sem conversar com o filho. A mãe reage dizendo que um dia vai morrer e ele vai sentir sua falta e se arrepender. E Paulo produz um sonho que ele relata assim: “Eu estava fazendo um trabalho de faculdade e meu cachorro, que eu adoro, não parava de falar... ele falava e não latia. Pedi pra ele parar de falar, para fazer silêncio porque eu precisava estudar, fazer minhas coisas. Ele não me ouvia, não me atendia. Saí da cadeira em que eu estava, peguei ele pelo pescoço, apertei até que perdesse a voz. Não cheguei a matar. Minha sensação era de um alívio grande, mas depois, comecei a me sentir culpado por ter feito o que fiz” (*sic.*).

Em nosso Núcleo da Puberdade e Adolescência da *Constructo*, trabalhamos, nos debruçamos sobre esta adolescência de hoje, tão contemporânea à liquidez do tempo, à liquidez do amor, à liquidez da presença, à escassez da paz e, como se não bastasse, fora atropelada pela pandemia/pandemônio. Tempos adolescentes tão necessitados daqueles investimentos amorosos de outrora que sustentem, que suportem o tumulto que um corpo inflamado impõe ao psiquismo. Tempos complicados estes que nos toca viver: porém busco em Bleichmar e encontro: “(...) eu creio que a psicanálise é a proposta mais importante sobre a problemática da subjetividade que tem gerado a humanidade em seu conjunto” (BLEICHMAR, 2009, p. 120).

Adolescência, esta inquietante estranheza, arrebatada por um corpo que chega chegando sem recatos, encharca com sua violência hormonal e, de acordo como as possibilidades desta travessia, acenará para um trabalho de inspiração ou sublimação, desde a perspectiva de Laplanche, pela potência pulsional que nestes tempos carrega. Precisamos de instrumentos que venham em auxílio a nossa escuta na abordagem do sofrimento adolescente em suas contemporâneas manifestações: que venha a metapsicologia da adolescência em nosso auxílio, nossa bússola em mares tão revoltos.

Novos/velhos tempos, fortes embates para o Eu, o corpo transborda, clama por satisfações de fontes inesgotáveis e, se tudo andou bem no longínquo percorrido da infância, chega a hora de alguma sorte de sínteses, referidas por Florian Houssier: “Em sua temporalidade, o processo de adolescência representa o conjunto do trabalho de secundarização do aparelho psíquico, incluindo uma melhor capacidade de continência das mais cruas fantasias” (HOUSSIER, 2022). Remetemos a organizações do psiquismo, acrescidas daquelas reminiscências edípicas, território mais perigoso: afinal quando o instinto irrompe, o território já está colonizado pelas intensidades pulsionais.

Temos as adolescências neste tempo que nos toca viver. Quais tempos são os nossos? As adolescências de ontem, logo ali atrás, não são as de hoje: temos muitos sofrimentos a acolher desde as belas e dramáticas disputas frutos do romance familiar, dos tórridos amores e ódios edípicos/incestuosos/parricidas até o deletério entorpecimento da vida, na busca compulsiva da confirmação de que “não vale a pena”. Aqui, ser não se constitui na abreviatura de ser amado,

segundo Winnicott. Como recrutar organizações defensivas constitutivas do Eu – as identificações, que façam frente àquilo que abala a economia psíquica? Um psiquismo desde sempre impactado pelo excessivo, pelo traumático, quiçá auxiliado pelo *après-coup* da vida, da cura.

Sobre os tempos primeiros

Bleichmar indica o rumo pelas possibilidades da oferta da identificação transitiva aportada pelo outro, aquele que para além de cumprir a função sexualizante/humanizante desde o processo de pulsação, assegura através de seu narcisismo, transvazar ligações para o disruptivo da pulsão de morte, de vida. Assim, em se identificar à criança – empatia/amor em forma de ligação, o outro cuidador abre passagem para que as identificações mais que primárias, originárias, deem curso ao Eu.

Facundo Blestcher adverte: “Na articulação entre a própria subjetividade em construção e a relação com o semelhante, as identificações ocupam um lugar central, como o trabalho psíquico que permite e consolida a identidade (por oposição e afirmação em referência ao outro).” (Tradução livre).

Agregamos uma escrita compartilhada junto ao colega Ignácio Paim Filho:

Identificação: eis aí o nascimento de um conceito que será central na estruturação do mundo anímico. Esse conceito sofreu desdobramentos significativos no decorrer do pensamento freudiano que ampliaram seu significado e lhe propiciaram um *status* metapsicológico próprio. Ele, no entanto, manteve consigo seu significado original: o outro tomado como modelo – de forma passiva e/ou ativa (MORENO GARCIA & PAIM FILHO, 2022).

Acreditamos que essa concepção faz ressoar um conceito mais antigo, enunciado por Freud em 1895, em seu *Projeto para uma psicologia científica: o complexo do semelhante*:

Suponhamos que o objeto que [a] percepção forneça seja similar ao sujeito, isto é, seu semelhante. Então, o interesse teórico também se explica [...] de este objeto ser ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, primeiro objeto hostil, assim como único poder auxiliar. Por isso, por meio do seu semelhante, o homem aprende a reconhecer (cf. FREUD, 1895/1990).

Em Bleichmar, a identificação é compreendida: “(...) como a operação fundamental que gera as condições para instituir a subjetividade, propiciando os requisitos da constituição psíquica” (BLEICHMAR, 2015, p, 69).

Pensamos que identificação e defesa estão homologadas, assim as originárias/primárias com

seus correlatos recalque originário e narcisismo primário e, posteriormente, as instâncias secundárias, precipitados no eu, que se constituem em garantias da viabilidade do psiquismo.

Sobre os tempos do adolescer

Surfemos as ondas da cultura, mas em especial as da metapsicologia, assim como uma bússola, que nos leva a terras mais seguras.

A adolescência se encontra neste entrecruzamento dos processos de produção de subjetividade e constituição de psiquismo, diferença que Bleichmar estabelece entre aqueles processos invariantes sobre a gênese do psiquismo, a partir de uma abordagem metapsicológica e de outros fenômenos produtores de subjetividade, os quais remetem ao conjunto dos processos históricos, sociais, políticos em um dado momento de uma dada cultura e que, não sendo patrimônio da psicanálise, algo impactarão na constituição do psiquismo. Um diálogo inescapável entre a constituição do sujeito psíquico inserido em um tempo com suas produções possíveis, portanto um sujeito detentor de sua história e histórico.

Este sujeito psíquico, em sua estraneidade, é objeto de investigação da psicanálise via constructos metapsicológicos que permanecem válidos nos diferentes momentos da cultura. Bleichmar propõe ordenadores relativamente invariantes, tais como: fundação do inconsciente, estabelecimento de recalque originário, organização do eu, conformação do narcisismo e instauração das instâncias ideais, enfim, uma teoria geral da constituição psíquica sustentada com independência das transformações históricas.

Mas a adolescência, em sua abordagem, data de pouco tempo, o fenômeno verificado como uma construção cultural e histórica, tal como a conhecemos, é relativamente recente: por certo não se constitui em um fenômeno universal, portanto não se constitui em mais um tempo da constituição psíquica, com suas inscrições pulsionais, constituição da tópica e organizações das instâncias ideais. Assim, destes tempos não surgem outras estruturas psíquicas, mas sim transformações, recomposição de sistemas representacionais e complexização do psiquismo.

Freud aborda sim a puberdade, a partir de uma proposta desenvolvimentista, etapista, instintiva, sendo esta um fenômeno universal, mas a adolescência não aparece na obra, é uma construção cultural tardia.

Grande parte dos estudos sociológicos, antropológicos define a adolescência como um fenômeno social e cultural, de moratória, de espera, que alcançará uma maturidade adulta, tendo sido nomeada a partir do capitalismo moderno. Antes da modernidade em sentido estrito não existia a adolescência, como categoria, nem o próprio termo, senão que entre a infância e a adultez se

produzia um processo de passagem, por ritos de passagem, portanto, sancionar ao sujeito o estatuto de adulto.

Birman esclarece: “A adolescência como idade da existência humana, foi apenas constituída na modernidade, da mesma forma que a infância. Antes da constituição da família nuclear moderna, estritamente burguesa, nem infância, nem adolescência eram delimitadas como idades da existência em suas especificidades” (BIRMAN, 2008, p. 95).

Perseguindo a metapsicologia Bleichmar aponta para a recomposição e complexização do psiquismo adolescente.

Estamos diante de um conjunto de operações que colocam o aparato frente a dois tipos de processos: transformação da sexualidade, a partir da inscrição da genitalidade (modos de resolução, modos de organização da sexualidade/sexuação) e desconstrução das propostas originárias, em suas articulações com as relações constitutivas com os adultos significativos da primeira infância, como um conjunto de transformações e reorganizações no registro das identificações e dos ideais que conduzam à vida adulta vindoura. Modificações que se estabelecem a partir do que entendemos como um mosaico identificatório com vistas a consolidar um processo de apropriação e desapropriação daquelas propostas identificatórias de base, acenando para um caráter singular, próprio do sujeito. Aquele Eu que se constitui por investimentos libidinais e perdas é chamado, convocado a “chegar junto”.

Neste breve recorrido, neste “rolê” sobre este universo dos tempos adolescentes, então, pensemos nas questões de gênero, nas soluções identificatórias, nestes movimentos originários com seus desdobramentos, sendo reflexões imprescindíveis na compreensão das manifestações vívidas, pujantes e, no outro polo, as sofrências, os fracassos nesta travessia adolescente, em seus vastos processos, precipitados no Eu, constitutivos de sua argamassa representacional, as identificações.

Jacques André em seu texto “Eu, outro mesmo”, propõe: “A identificação e a experiência subjetiva da perda são inseparáveis. Na visão que nos é mais familiar desde Freud, a identificação ocasiona no Eu o restabelecimento de um objeto que ‘foi perdido ou abandonado’” (ANDRÉ, 2022).

Trata-se, pois, de uma questão de compensação.

Se considerarmos que a perda, longe de ser um dos destinos possíveis do objeto, é constitutiva do mesmo (o encontro com o objeto é sempre uma história de reencontros), será fácil argumentar que as duas dimensões – investimento e identificação, possuir e *ser como* –, mais do que se excluírem ou se sucederem, buscam apenas entrelaçar seus efeitos. O espaço para a identificação está inscrito na própria pulsão, ali onde algo nela se opõe à satisfação plena, ali onde o objeto se perde (MORENO GARCIA & PAIM FILHO, 2022).

Laplanche, ao abordar a gênese do ser humano, propõe a história da tríade: gênero, sexo, sexual, assegurando a precedência do gênero em relação ao sexo: portanto, nos movimentos constitutivos do ser humano por um processo de designação, tendo o primado do outro como eixo vertebrador. O outro veiculando mensagens de designação de gênero pré-conscientes/conscientes, mas também portadoras de ruídos inconscientes nesta comunicação advindas dos adultos próximos, em suas fantasias, expectativas inconscientes, pré-conscientes, assim “a designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. [...] uma verdadeira prescrição” (LAPLANCHE, 2015, p. 106). Com a designação, sustenta uma mudança de vetor da identificação: identificação por, isto é, identificação primitiva pelo *socius* da pré-história. Todo este imenso processo por via das identificações primárias se inscreve metabolicamente e estabiliza a argamassa representacional do Eu, núcleo do Eu. Posteriormente encontraremos na adolescência os efeitos destes movimentos constitutivos impactando em posições sexuadas, com seus objetos de desejo, de amor ou em tempos bem mais difíceis.

Abordando os impactos do embate puberal/instintual, com o advento da função sexual pelas transformações biológicas/somáticas, encontramos um programa pré-determinado que resulta traumático em sentido econômico para o psiquismo, pelo intento de domínio e ligação de excitações que conduzem o aparato a uma sofisticação com uma sorte de desorganização, uma desarticulação dos sistemas representacionais vigentes.

A esta dimensão traumática da puberdade, corresponde a nossa concepção metapsicológica sobre os destinos que ganham no aparato estas intensidades que impõem um trabalho de operações com vistas à regulação da economia interna – da sexualidade à sexuação.

Laplanche propõe o sexual em duas modalidades: o sexual infantil – a grande descoberta de Freud – e o sexual na adolescência: diferentemente de Freud, não se trata de uma sexualidade única desde duas perspectivas como duas faces da mesma moeda, proposta insuficiente, na qual a sexualidade que se inaugurou na puberdade viria completar o que na sexualidade infantil não se constitui. Uma certa integração romântica: das pulsões parciais ao primado do genital. Esta solução harmônica não se sustenta em uma perspectiva metapsicológica, mas sim, afirmações de Freud em tempos que foram os seus, de uma época com suas produções de subjetividade, mas uma concepção pobre, pela dominância ideológica, que se converte em teoria do psiquismo.

Nesta perspectiva, temos duas sexualidades diferentes. A sexualidade infantil autoerótica, fantasmática, articulada por zonas erógenas e por modos de organização edípica (sexualidade e desejo ou erotismo e amor), que se encontra a partir da puberdade atravessada por outra sexualidade cuja fonte é de uma origem distinta, um processo descontínuo. Esta sexualidade puberal/genital se inaugura pela maturação biológica, tem apoio somático, com processos de transformações orgânicas que conduzem o indivíduo à maturação dos genitais, aptidão à função

sexual, ao predomínio genital/objetal, enquanto a sexualidade infantil está apoiada no outro (vivência de satisfação/origem exógena).

Em Laplanche: “Falemos um instante do corpo: voltemos à endocrinologia. Sabemos que os hormônios sexuais e hipofásicos que existem já no nascimento logo decrescem, desde os primeiros meses, até zero e só voltam a subir na puberdade” (LAPLANCHE, 2001, p. 23). Portanto, quando a sexualidade puberal/genital avança na cena psíquica, o território já foi dominado pela vida pulsional.

A palavra de Laplanche: “O que a psicanálise quer nos ensinar é que no homem o sexual de origem intersubjetiva, portanto, o pulsional, o sexual adquirido vem – coisa totalmente estranha – antes do que é inato. A pulsão vem antes do instinto, o fantasma vem antes da função; e quando o instinto chega, o lugar já está ocupado” (LAPLANCHE, 2001, p. 26).

A Sexualidade puberal/genital se insere traumáticamente, em um psiquismo despreparado diante de intensidades que demandam um robusto trabalho de apropriação/recomposição, de rearticulação e que forneça a tal sexualidade um lugar assegurado. O Eu não dispõe de ligações que incrementem a economia psíquica: pelo contrário o que se impõe é a ausência de respondentes simbólicos que façam frente a uma nova e ruidosa sexualidade, que necessita ganhar hospedagem algo acolhedora em aras da sexualidade infantil.

Uma sexualidade traumática em sentido econômico, isto é, quando nos reportamos à equação entre excitação e capacidade ligadora do Eu, este acometimento da puberdade rompe uma continuidade, impõe excitações que desbordam capacidades inibidoras/ligadoras do Eu por não possuir representações, de início, que forneçam um destino a estas excitações que desestabilizam a economia psíquica.

Assistimos a todos os efeitos frutos da emergência desta sexualidade tais como: comportamentais, motores, emocionais, assim encontramos a hiperatividade, o corpo sentido como alheio, instabilidades emocionais, inação, violência, adições etc. Manifestações como tentativas falhadas de regulação da economia psíquica, em tramitar com tais intensidades desde formas de descargas⁴ sintomais, de evacuações de quantidades não qualificadas no interior do psiquismo ou de recomposições representacionais possíveis.

Em Laplanche, uma nova sexualidade traumática pelo excesso que aporta ao psiquismo, com todas as demandas do corpo que agora se encontra equipado para o exercício da sexuação, resolução orgástica, portanto, outra sexualidade diversa dos tempos primários. Seguindo a

4 Remetemos à tradução de Freud por Luiz Alberto Hans, do termo *abfuhr* com o significado de escoamento, descarga, remoção, condução, descrevendo, assim, um movimento processual e gradual. Enquanto o termo *Entbindung*, equivale à liberação, desligamento, suscitando algo da evacuação desordenada.

Laplanche que, em seus *fundamentos*, novos fundamentos, adverte:

O sexual infantil, o Sexual é o próprio objeto da Psicanálise. Pulsional e não instintual, funcionando de acordo com um regime econômico particular, que é a busca de tensão, tendo em sua fonte e não em seu destino o objeto fantasístico, invertendo, portanto, a relação de objeto, ele vai tomar todo o lugar, tentando organizar-se sempre de maneira precária, até a evolução da puberdade, em que o genital instintual terá de conciliar-se com ele (LAPLANCHE, 2015, p. 172).

Sobre a genitalidade em seus desdobramentos no nível psíquico em tempos da adolescência, nos interessa pensar em uma cena sexual de reconhecimento e reciprocidade para com o outro e não meramente como emprego dos genitais, mas prazer compartilhado. Aqui um intenso trabalho psíquico na adolescência de recomposição representacional no reencontro com o objeto. Este encontro/reencontro com o objeto implica a possibilidade de construir psicologicamente um objeto genital/exogâmico, objeto novo apto para a cena compartilhada de prazer, reciprocamente genital, uma representação do objeto erótica e amorosamente investido, objeto desejado e amado. Objeto que se possa investir eroticamente e amorosamente.

Facundo Blestcher, em um texto ainda não publicado, sustenta que

o narcisismo constitui uma dimensão fundamental do processo adolescente, podendo estabelecer-se como condição e como obstáculo para o amor ao outro. Na adolescência esperamos um destaque do narcisismo por amor de objeto (que encontra no *hallazgo*/ encontro de objeto a possibilidade de articulação das correntes terna e erótica da sexualidade genital). Freud já nos alertou com respeito à possibilidade de dissociação de ambas as correntes, a qual dá lugar a uma particular degradação da vida amorosa⁵ (BLESTCHER. Tradução livre).

E pouco importa se será um objeto hetero ou homossexual, tenhamos claro. Importará na adolescência a capacidade de construir este objeto genital, com vistas à organização da vida sexual e amorosa, enlances libidinais com o outro. Hoje as populações adolescentes dispõem de muito mais plasticidade, capacidade de tolerância à indefinição, à transicionalidade, à ambiguidade, possibilidade de determinação que não seja definitiva em termos tradicionais. Como Facundo Blestcher propõe, ensaios identificatórios, posições subjetivas em busca de uma posição própria, singular produto de uma história metabólica.

O compromisso da Psicanálise com os tempos adolescentes se constitui em resguardar estes tempos únicos, ofertando uma escuta ética das dores, amores e ódios, acompanhando suas

5 Facundo Blestcher, "*Sexualidad y intersubjetividad en la cultura infantojuvenil*" (texto não publicado).

possibilidades de exploração nesta travessia coagulada de intensidades carentes de transformações/recomposições com vistas a produções sublimatórias; trabalho de inspiração.

Referências

BLEICHMAR, S. *El desmantelamiento de la subjetividad – estallido del yo*. Buenos Aires: Topia Editorial, 2009.

_____. *Superar la inmediatez: un modo de pensar nuestro tempo*. Edição de Jorge Testero. Buenos Aires: Ediciones del CCC, 2009.

_____. *Do motivo da consulta à razão da análise*. São Paulo: Zagodoni, 2015.

CARDOSO, M. R. “Adolescência: reflexões psicanalíticas”, in *Coleção Infância e Adolescência no Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

CARDOSO, M. R. & MARTY, F. (Orgs.) *Destinos da Adolescência*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

FREUD, S. (1895) *Projeto para uma Psicologia Científica*, in *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol.1. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

HOUSIER, F. “Os adolescentes contemporâneos”. Conferência na atividade da Constructo Instituição Psicanalítica: “Adolescências Contemporâneas”, maio de 2022.

LAPLANCHE, J. *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

MORENO GARCIA, R. & PAIM FILHO (Orgs.), I. *Identificação: imanência de um conceito*. Blucher: livro no prelo.